



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

GT2 Africanidades e Brasilidades em Educação

O PERFIL E O LUGAR DO NEGRO NOS LIVROS DIDÁTICOS.

Lídia Maria Nazaré Alves
Aparecida Gomes Oliveira
Murilo Américo da Silva
Fabrícia Santos Miguel

Resumo: O presente trabalho faz uma análise dos livros didáticos, especificamente os livros de português e de história do Ensino Fundamental e Médio para descobrir o perfil e o lugar reservado ao negro em seus conteúdos. Objetiva-se a construção de uma proposta de intervenção e reformulação no ensino escolar da cultura afrodescendente no Brasil a partir de uma nova abordagem pedagógica através dos livros didáticos, buscando retratar o significativo legado africano para o nosso desenvolvimento sociocultural.

Palavras-chave: narrativa histórica, negro, cultura afrodescendente.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Referencial teórico

Spivak (1994, p. 187) diz não ser historiadora, mas se preocupa em compreender como as narrativas históricas são negociadas. Intitulando-se como uma “pós-colonial”, hindu, cidadã indiana, posiciona-se com “a perspectiva crítica necessária diante das falsas reivindicações de histórias alternativas”.

A autora afirma que as posições de leitura e escrita são distintas, o autor deve estar ausente da trama. É preciso se posicionar de forma crítica diante do culturalismo político que se utiliza dos relatos históricos para se afirmar, manipular ou construir o pensamento social. Ao pensar o valor deve-se considerar o âmbito econômico. Para que a narrativa se torne legível, a análise de classes deve ser um instrumento de leitura. Escrever o real não livra dos códigos já estabelecidos socialmente, é necessário trabalhar com e através da história.

Spivak (1994) menciona uma classe de funcionários que atuam como para-choque no período anterior ao monopólio capitalista. Ela os chama de “sujeitos coloniais, formados, com diferentes graus de sucesso” (Op. cit. p. 192) Estes funcionários se transformaram na “burguesia nacional”. São eles os responsáveis pela formação das “identidades nacionais” na descolonização, fato que rompe o elo colonizador/colonizado e acredita-se que a história será reescrita.

Spavik enfatiza que “refazer a história é uma grande tarefa, e não devemos tomar o entusiasmo ou a convicção como únicas garantias” (SPIVAK, 1994, p.194). A autora vivenciou o momento de Independência Indiana, experiência que lhe fez compreender o processo confuso de uma nação que rompe com seus dominadores e procura construir uma identidade desvinculada da antiga, mas constata em si o reflexo daquela que tanto repugnava.

O objetivo maior é fazer com que as pessoas se disponham a ouvir. A ferramenta para construir/refazer a história é “somente a educação institucionalizada nas ciências humanas” (SPIVAK, 1994, p. 198)

Sob o alibi culturalista, a elite insiste em fazer prevalecer uma narrativa que encobre determinados fatos, tornando legítimo aquilo que deve ser combatido. Na



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

verdade o que se vê é a continuidade do sistema anterior, só que mascarado, a história se repete.

Alves (2009) discorre sobre a relação colonizador/colonizado e a busca por uma identidade pelo povo colonizado. A autora afirma que:

[...] no caso de países que foram colonizados, como o Brasil, por exemplo, essa busca torna-se condição *sine qua non* para que reflitamos sobre a formação da nossa identidade e sobre pontos a partir dos quais malogros históricos, como a relação dominante/dominado, que encontra suas origens na relação colonizador/colonizado, por exemplo, tomaram forma. (ALVES, 2009, p. 24)

E, ainda, reflete sobre as consequências advindas ao povo colonizado, mais especificamente aos índios brasileiros, pelo colonizador europeu. Esse colonizador impôs junto com sua língua, toda uma cultura, menosprezando assim os conhecimentos e vivências dos povos colonizados, brasileiros e africanos. Esta relação colonizador/colonizado é uma das causas das dificuldades enfrentadas pelo negro na construção de sua alteridade.

A autora chama a atenção para “[...] a vivência simbólica que cimentou a ideologia do colonizador europeu no novo mundo” (ALVES, 2009, p. 17), usando como pretexto o desejo de propagar o cristianismo, conseguindo impor sua língua e sua cultura, que, segundo a autora, foi uma dupla transgressão. Pode-se fazer um paralelo com o povo africano na fala da autora, povo que experimentou, como o povo indígena, “o sentimento de perdição” (ALVES, 2009) de suas referências, de suas tradições. Para o povo colonizado, a busca por uma identidade é a busca por sua alteridade, condição esta anulada pelas ideologias do colonizador.

Alves (2009) aponta a linguagem como instrumento de afirmação da identidade do povo colonizado, pois apesar do colonizador aniquilar a cultura do povo colonizado, não se pode negar que a existência de uma “[...] presença insistente, evidenciada mais na oralidade é o eco daquela língua original do autóctone, que veio se perdendo ao longo do processo de colonização”. (ALVES,



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

2009, p. 21). Pode-se fazer um paralelo da história do índio brasileiro com a história do negro, ambos foram colonizados pelos europeus, tiveram suas culturas e tradições aniquiladas e ambos perderam sua identidade primeira.

Fanon (2008) aborda a questão da ideologia do embranquecimento na Europa, incutida também na sociedade brasileira, afirma que o negro vive um conflito de identidade, por não possuir um passado do qual possa se orgulhar, fica totalmente perdido, sem identidade alguma, já que a sua foi eliminada pelo período da escravidão e a identidade do branco lhe foi negada, sentindo-se assim, sem lugar no mundo. Essa condição o leva a optar por querer embranquecer e viver como os brancos, pois quer usufruir dos privilégios que os brancos possuem.

Fanon (2008, p. 28) diz que o complexo de inferioridade vivenciado pelo negro tem sua causa em um duplo processo “[...] inicialmente econômico, em seguida pela interiorização, ou melhor, pela epidermização dessa inferioridade”.

Uma das características do colonizador europeu, apontada por Fanon (2008), é a arbitrariedade, ele procura eliminar de todas as formas quaisquer manifestações culturais do povo colonizado, com o fim de minar as forças e enfraquecer aquele sobre quem deseja exercer completo domínio. Com isso destrói toda uma cultura e impõe sobre os escravizados a sua própria cultura, juntamente com a visão de que a sua é melhor, mais forte e soberana.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN - de Língua Portuguesa dos anos finais do ensino fundamental e do Ensino Médio estabelecem as circunstâncias em que deverá ser trabalhada de forma transversal a temática relacionada ao negro e sua cultura no cenário brasileiro. Deixa evidente a condição do negro perante a sociedade e a importância que há em abordar com mais profundidade e apreço às contribuições afrodescendentes na edificação desta nação em conflito com tudo aquilo que, de certa forma, marginaliza o afrodescendente colocando-o, devido a sua condição subalterna desde o início da formação do Brasil, à margem da sociedade. Quanto a isso, importa destacar o



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

que prescreve o PCN de língua portuguesa no sentido de que a aludida meta seja alcançada. Dentre os dez objetivos trazidos logo de início pelos PCN (Língua Portuguesa, 1998, p. 33), ganham destaque nessa temática os seguintes:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam como objetivos do ensino fundamental que os alunos sejam capazes de: Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de **mediar conflitos e de tomar decisões coletivas**; Conhecer características fundamentais do Brasil na dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a **noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinências do país**; **Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como os aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais**; **Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social**, para agir com perseverança na busca do conhecimento e no exercício da cidadania.
(Grifo nosso)

Diante do acima apresentado fica claro que a partir dessas práticas em sala de aula o professor poderá desenvolver junto ao aluno um trabalho que contribuirá para o seu desenvolvimento no exercício da cidadania e prepará-lo para conviver com as diferenças outorgando-lhe abertura mental que possa levá-lo a entender e a discorrer sobre os mais variados tipos de assuntos. É importante



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

destacar que a análise do discurso, como vem acentuada no PCN, é uma das formas pelas quais o aluno desenvolverá senso crítico apoiado na capacidade de formar suas próprias opiniões sobre os mais variados temas.

A Lei 10.639/2003 a qual alterou a LDB (Lei 9.394/1996) – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – determina que nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Portanto torna-se necessário a adoção de uma nova forma de abordagem acerca da temática que envolve o negro e o seu papel no cenário brasileiro referente à sua contribuição para a construção desta nação desde o momento em que ele aqui chegou.

O lugar do negro na literatura infantil

Ao analisar contos infantis de origem africana e afro-brasileira, que fazem parte dos acervos das escolas, percebe-se que algumas obras contribuem significativamente para a construção da alteridade por parte da criança negra. É necessário que o professor saiba selecionar os livros que tratam a temática do negro de forma que o valorize e contribua para que as crianças negras construam sua identidade de forma saudável e em nível de igualdade com crianças brancas.

Por exemplo, o livro “Menina Bonita do laço de fita” de Ana Maria Machado, traz a história de um coelho que queria ser pretinho como a menina. Esta obra não promove igualdade entre negros e brancos, pelo contrário, reflete a ideologia e o estereótipo do negro como inferior ao compará-lo com um animal.

Por outro lado o conto “Princesas negras e a sabedoria ancestral” de Ariane Celestino e Edileuza Penha de Souza, “Histórias encantadas africanas” de Ingrid B. Bellinghausen, “Pedro Noite” de Caio Riter e “O amigo do rei” de Ruth Rocha, são narrativas que exploram a história de vida das crianças negras. Os autores mostram a importância das crianças negras e afro-brasileiras conhecerem sua história e sua ancestralidade. O saber de onde veio é um ponto crucial para a construção da identidade de cada um.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

O perfil do negro nos livros de história dos anos iniciais do Ensino Fundamental

Analisando os livros didáticos de história dos anos iniciais do Ensino Fundamental utilizados nas escolas, observa-se que o lugar ocupado pelo negro socialmente ainda está determinado de forma implícita, pela ideologia europeia, ou seja, do colonizador.

Ao se referirem à pessoa do negro percebe-se o uso de imagens que o diminuem enquanto ser humano. Por mais que se tente abordar a temática relacionada ao negro, o estereótipo de inferioridade, de que o negro foi feito para trabalhos manuais e sempre a serviço dos brancos ainda está presente nas entrelinhas dos livros didáticos.

As imagens mostram os negros apanhando no tronco, sendo capturados como animais, transportados em porões de navios e maltratados pelos homens brancos. Os livros até trazem textos que valorizam o negro, mas na hora de escolherem imagens para os representarem, estas são negativas. Uma imagem produz mais efeito que palavras, quando se diz respeito às crianças, pois estas ainda não possuem discernimento crítico.

A percepção deste diagnóstico já é um passo adiante na modificação deste estereótipo, o que tanto desejamos. Cabe ao professor, desenvolver atividades em paralelo aos livros didáticos, ampliando o conhecimento dos alunos e levando-os a construírem seu conhecimento de forma crítica.

O lugar do negro nos livros didáticos de história e Língua portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio

Nos livros de História e Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio percebe-se a presença de detalhes que contextualizam e abrangem as propostas dos PCN. Há referências a autores afrodescendentes, bem como fragmentos de obras que traduzem a fala e o anseio do negro na sociedade. Mas tudo é feito de forma muito superficial.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

É feita uma abordagem sobre a Literatura Africana nos países de língua portuguesa, nessas páginas pode-se ver que esses povos, assim como o povo negro no Brasil, buscam também o reconhecimento de uma identidade cultural. Países como Angola, Cabo-verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe são singulares em suas diversidades culturais, mas que em muito se identificam com o Brasil, não só por conta de falarem o mesmo idioma, mas pelo fato de se identificarem culturalmente no que diz respeito às origens africanas que são marcantes no povo brasileiro e até mesmo pela influência do luso-colonialismo.

Escritores como o angolano Ruy Duarte de Carvalho, o moçambicano Mia Couto e a poeta São-tomense Conceição Lima contribuem na contextualização das abordagens literárias trazidas nesta seção do livro didático apresentado. Suas revelações e reivindicações através da literatura buscam, assim como os escritores afro-brasileiros, mostrar para o mundo a realidade panorâmica acerca do nível das obras literárias de seus países que objetivam, dessa forma, retratar a sua própria cultura.

Os Livros Didáticos sugerem ao professor, conduzir os alunos a pesquisas sobre os autores africanos e suas respectivas obras, a cultura de seus países, os hábitos, em que se parecem conosco aqui no Brasil e também nossas diferenças.

Pode-se observar que, quando se aborda o papel do negro na história do Brasil há um destaque às suas contribuições físicas, sua força no trabalho, sua alegria, na cultura sobressai a capoeira, as danças e as religiões africanas. Não que isso seja ruim, pelo contrário, é a valorização de uma parte do negro. O que se deseja, mas não se vê, é a valorização de seu intelecto. Ou seja, permanece nas entrelinhas o estereótipo construído pelas ideologias europeias.

Os conteúdos são bons, mas é necessário um maior interesse por parte do professor para mostrar a outra versão da história. Os livros didáticos têm sido um dos instrumentos utilizados pelo sistema dominante na propagação e estabelecimento das ideologias europeias no seio da sociedade brasileira.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Portanto, é justo que agora eles sirvam a outro propósito, o de reconstruir a identidade e o estereótipo do negro como cidadão pertencente à pátria brasileira e grande contribuinte na construção da história desta nação.

Esta reescrita da história proporcionará ao afrodescendente a construção de sua identidade e conseqüentemente de sua alteridade, pois ele poderá se ver no outro, se ver como parte integrante da história e não apenas como um contribuinte.

Considerações finais

A partir dos estudos e análises feitas observou-se que muito já se tem feito para o cumprimento da lei 10.639/03. Os livros didáticos abordam a temática do negro, mas não de forma satisfatória e eficaz que se deseja.

Espera-se com este trabalho conscientizar os educadores e aqueles que se dedicam em produzir livros didáticos, que movam um novo olhar para a história, que tirem as máscaras das ideologias europeias e percebam aqueles que foram propositalmente destinados à margem e mudem a forma de narrar a história.

Outra observação que se fez foi com relação às imagens relacionadas aos negros nos livros didáticos. Propõe-se que ao se trabalhar com imagens priorizem aquelas que trazem uma mensagem positiva do negro, ressaltando sua inteligência, sua astúcia, sua alegria, sua disposição para o trabalho, não deixando de frisar sua revolta contra a escravidão, seus planos de fuga e capacidade de liderança na formação dos quilombos.

Nossa proposta é que se comece selecionando melhor essas imagens. Não queremos que a história seja omitida, mas que se modifique a forma como é apresentada. Por que não mostrar o negro alfabetizando os filhos dos fazendeiros? Os negros da tribo Malês na Bahia exerciam esta função. Porque não mostrar a capacidade e inteligência do negro em se organizar e viver em sociedade nos quilombos? Ao ressaltar o exemplo de negros que exercem cargos de evidência na sociedade, a criança negra se sentirá motivada a lutar por seus



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

sonhos e ideais e acreditará que o país do qual ela faz parte, é um país onde predomina a igualdade de oportunidades para todos.

Nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio nossa proposta é a inclusão na lista de livros literários, de obras de escritores (as) afrodescendentes como Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves e outros autores que assumiram sua negritude e querem ser ouvidos. Que se faça análise crítica de seus conteúdos.

A proposta deste trabalho é que os autores dos livros didáticos percebam o modo negativo como têm apresentado o negro e modifiquem suas formas de abordagem. Só assim será possível uma reescrita das narrativas históricas, nas quais o negro será valorizado de forma integral e a cultura afrodescendente fará parte da vida dos brasileiros.

Referências bibliográficas

ABAURRE, Maria Luiza M. **Português: contexto, interlocução e sentido** 1, 2 e 3/ Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre, Marcela Pontara. – 2 ed. – São Paulo: Moderna, 2013. 1. Linguagem e línguas (Ensino Médio) 2. Literatura (Ensino Médio) 3. Português (Ensino Médio).

ALVES, Lídia Maria Nazaré. **Clarice Lispector e Franz Kafka em cena: Não tomar seu santo nome em vão**. Tese (Doutorado em Letras) Instituto de Letras - UFF. Niterói – Rio de Janeiro. 2009. 234p. Site: www.dominiopublico.gov.br

BRASIL. **Lei 10.639/2003**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. Ministério da Educação. **“Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana”**. Novembro de 2009.

Lídia Maria Nazaré Alves, doutora/professora na UEMG, lidianazare@hotmail.com Aparecida Gomes Oliveira, graduanda em Letras – UEMG, apagoliver@gmail.com Murilo Américo da Silva, graduando em Letras – UEMG, muriloamerico@gmail.com Fabrícia Santos Miguel, graduanda em Letras – UEMG, fabriaciacarangola@yahoo.com.br



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (Ensino Médio). Brasília: MEC, 2000.

CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Remate de Males. Departamento de Teoria Literária IEL/UNICAMP, Número especial Antônio Cândido, Campinas. 1999. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/viewFile/3560/3007> acesso em 05/08/2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. 194 p.

Machado. Ana Maria: **Menina bonita do laço de fita**. 7º edição. São Paulo. Ártica, 2005.

MEIRELES, Ariane Celestino. Souza, Edileuza Penha de. Princesas negras e a sabedoria ancestral/Ariane Celestino Meireles; Edleuza Penha de Souza Nandyala, 2010. 20 p.

PORTA ABERTA. **Ciências humanas e da natureza**. 3º ano: ensino fundamental: anos iniciais/Mônica Jakievicius... [et al] – 1 ed. – São Paulo: FTD, 2014.

RITER, Caio. Pedro Noite. São Paulo: Biruta, 2011. 28 p.

ROCHA, Ruth. O amigo do rei. Ruth Rocha/Cris Eich il. Coleção Vou de contar. Salamandra. 2009.

SPIVAK, Gayatri. **Quem reivindica a alteridade?** IN: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1994. pp 187/205.

UNIVERSOS: **História 8º ano**/obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida por Edições SM; editora responsável Valéria Vaz. – 2 ed. – São Paulo: Edições SM, 2012.

Lídia Maria Nazaré Alves, doutora/professora na UEMG, lidianazare@hotmail.com Aparecida Gomes Oliveira, graduanda em Letras – UEMG, apagoliver@gmail.com Murilo Américo da Silva, graduando em Letras – UEMG, muriloamerico@gmail.com Fabrícia Santos Miguel, graduanda em Letras – UEMG, fabriciacarangola@yahoo.com.br